

Os atravessamentos das mídias digitais na Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga e na Festa de São Pedro de Catuçaba²²

Matheus SCHWAB²³
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

Resumo

Na cidade de São Luiz do Paraitinga (SP) a cultura popular é viva e intensa. A Festa do Divino e a Festa de São Pedro de Catuçaba são duas das mais importantes manifestações da cultura popular do mu-

²² Trabalho apresentado no GT3 Folkcomunicação Midiática

²³ Mestre em Comunicação e Cultura pela UNISO (SP). E-mail: schwab3p@gmail.com

nício. Em 2022 foi realizada uma pesquisa etnográfica nestas festas e posteriormente uma revisão bibliográfica. Averiguou-se que as mídias digitais são amplamente utilizadas pelos participantes das festas. A presença destas mídias dão-se a partir de atravessamentos que realizam sobre o conceito de “mundo ritual” apresentado por DaMatta. Estes atravessamentos podem ser do tipo discreto, conflituoso e fetichizado. Esta pesquisa enquadra-se como relevante à Folkcomunicação midiática pois evidencia a dinamicidade das manifestações folclóricas e realização de festas populares no contexto da sociedade midiaticizada.

Palavras-chave: Folkcomunicação midiática; Mídias digitais; Festas populares; Festa do Divino; São Luiz do Paraitinga

Introdução

Este artigo é um desdobramento da pesquisa de Mestrado: “Mídias digitais e cultura caipira: um estudo nas festas de São Luiz do Paraitinga” concluído em junho de 2023 na Universidade de Sorocaba (UNISO) no programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura. Para a realização da pesquisa, que teve como método a revisão bibliográfica e a etnografia, optei por me mudar para a cidade de São Luiz do Paraitinga, no interior de São Paulo, pois trata-se de uma das regiões mais expoentes da cultura caipira no Brasil. Lá residi por 75 dias e participei de oito festas populares com o objetivo de observar e identificar os usos que os participantes das festas davam às mídias digitais. Para a produção deste artigo, optei por debruçar-me e destacar minha experiência durante a Festa do Divino de São Luiz do Pa-

raitinga e a Festa de São Pedro de Catuçaba, distrito de São Luiz do Paraitinga, ambas realizadas no ano de 2022.

É preciso ressaltar que ambas as festividades são muito parecidas e possuem a mesma função para ambas as comunidades. É comum, e seguro, afirmar que a Festa de São Pedro representa para Catuçaba o que a Festa do Divino representa para São Luiz do Paraitinga. Por isso, ao citar o “município” e o “luizense”, o leitor deve interpretar que os residentes de Catuçaba também se enquadram nesses termos.

Dividido em três partes, além da introdução e da conclusão, o artigo buscará na primeira parte apresentar um panorama geral de como é a Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga e a Festa de São Pedro de Catuçaba. Em seguida, apresento ao leitor os casos mais significativos em que as mídias digitais se fizeram presente durante a festividade e proponho uma possível classificação para agrupar casos semelhantes. Na terceira parte, relaciono as experiências vividas durante a pesquisa com o campo da Folkcomunicação, refletindo sobre a possibilidade de os atravessamentos serem compreendidos como fenômenos Folkcomunicacionais.

A Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga e a Festa de São Pedro de Catuçaba

São Luiz do Paraitinga localiza-se na Serra do Mar, na zona geográfica chamada de Alto Paraíba na área nordeste do Estado de São Paulo. A cidade está distante cerca de 150 Km de São Paulo. Apenas 3 linhas de ônibus passam por lá, sendo possível via transporte público ir diretamente apenas para as cidades vizinhas de Ubatuba, Lagoinha e Taubaté. Segundo censo de 2010, a cidade contava com 10.693 habitantes. Dos quais, 59,45% (6.185 habitantes) residem na área urba-

na e 40,55% na área rural (4.219 habitantes). Comparando-se com a média estadual e nacional, o município tem, respectivamente, dez e quase três vezes mais habitantes residindo em áreas rurais. Quase 90% (8.796) dos moradores declararam que sua religião é a Católica apostólica romana. Em São Luís do Paraitinga, 79,1% dos habitantes se declararam brancos, 19,0% pardos e apenas 1,6% pretos, 0,2% amarelos e 0,0% indígenas. Já a região distrital de Catuçaba está distante aproximadamente 18 km ao sudeste do centro de São Luiz do Paraitinga. Segundo dados do IBGE 2010 dos 1.327 habitantes, 573 residem no perímetro urbano e os demais 754 residem na área rural. Trata-se de um local de “mínimos” (CANDIDO, 1971), com poucos serviços e comércios.

São Luiz do Paraitinga sustenta os títulos de “O último reduto caipira” e o de “A Cidade das Mil Festas”. Só no ano de 2022 no calendário oficial de eventos turísticos, disponibilizado no site da Prefeitura, encontravam-se 31 eventos. Dos quais destacam-se o carnaval de marchinhas, a festa do Divino, a festa do Saci, as festas de reis, as festas juninas, a festa de São Benedito, as festas do ciclo natalino, Corpus Christi, a festa do aniversário da cidade, a festa do padroeiro, a Semana Elpídio dos Santos, a festa da cozinha caipira, o festival de inverno e o Festival de Música na Semana da Canção Brasileira.

Todos os dados apresentados até agora sobre São Luiz do Paraitinga servem para localizar o leitor, e fazê-lo formar um pequeno quadro do cenário que encontrei durante a pesquisa de campo. Uma cidade pequena, católica, branca, que não possui (além do turismo) uma grande atividade econômica, mas que apresenta excelentes indicadores de saúde e educação. Uma cidade extremamente influenciada pelo modo de vida rural, isolada geograficamente dos grandes centros, de difícil acesso, que encontra nas festas e na música práti-

cas sociais identitárias de regulação e organização da vida social. Não raro ouve-se de turistas que São Luiz do Paraitinga parece ter saído de um filme de época ou que é ela é um “oásis”, uma “joia rara” que “não muda e que não deve mudar”. De fato, algumas homogeneidades, como raça e religião, somadas ao isolamento geográfico e a preservação de sua herança material contribuem para consolidação e manutenção dessas afirmações.

Entretanto, engana-se quem acha que a cultura popular no município é homogênea, monotemática. Pelo contrário, trata-se de uma cultura viva na qual percebem-se influências de diversas matrizes culturais que se ajustaram, coexistem e formam o que se conhece por “Cultura Luizense”. A Festa do Divino e a Festa de São Pedro de Catuçaba são duas manifestações em que se pode averiguar este “caldeirão cultural” que é São Luiz do Paraitinga. Afinal, estas duas festas são o “ponto de sociabilidade primordial do município” (SANTOS, 2008, p. 100). Pois, mesmo sendo festas organizadas pelos festeiros, pela paróquia São Luis de Tolosa e pela Secretaria de Turismo e Cultura do município, elas são na realidade feitas por praticamente todas as famílias luizenses. Chama atenção o envolvimento da comunidade e a força dos preparativos ao longo de todo o ano. Essencialmente, o “mundo ritual” (DAMATTA, 1978) que é “aberto” durante estas festas aponta a coexistência das diferentes camadas sociais, étnicas e religiosas de São Luiz do Paraitinga. É uma data onde os luizenses ocupam os mesmos locais, relacionam-se cada um à sua maneira com os símbolos e ritos da celebração e, sobretudo, convivem, apropriam-se, recriam e reinventam sua própria cultura e identidade.

Prática outrora comum em muitas cidades do país, São Luiz do Paraitinga é um dos raros casos que ainda mantém viva a tradição da Folia do Divino, que consiste em visitas às casas de grande parte da

zona rural do município e de cidades. Levando a bandeira do Divino, os foliões recebem em troca contribuições para a realização da festa do Divino. Muitas vezes a cavalo, foliões, alferes e o festeiro passam dias longe de casa dormindo na casa das pessoas que visitam, a este ato se dá o nome de Pouso do Divino. Durante o pouso os foliões cantam canções ao Divino embalados pela viola caipira e cabe a quem os recebe fornecer abrigo e alimentação. No que diz respeito a Festa de São Pedro de Catuçaba, a Folia recebe o nome de Folia de São Pedro ao invés de Folia do Divino, mas sua atuação é praticamente a mesma.

Em 2022, a Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga iniciou-se em 27 de maio. Ela se deu de forma gratuita e concentrou-se majoritariamente na região do centro histórico da cidade. A programação oficial divulgada pela Secretaria de Turismo e Cultura foi dividida em três eixos, sendo eles: Manifestações Religiosas, Cultura Popular e Shows Musicais.

No quesito religioso, com exceção do primeiro e do último dia da festa, todos os dias contaram com a Procissão do Cetro do Divino que saía do Império no início da noite. No primeiro dia realizou-se às 19h30, a Santa Missa na Igreja Matriz, na qual também foi realizada a Benção das Novas Bandeiras e declarou-se oficialmente a abertura da Festa. No primeiro sábado da Festa realizou-se a “procissão do encontro”, na qual a bandeira do Divino que percorreu todo o município ao longo do ano “encontra-se” com os devotos que também possuem suas próprias bandeiras. Enquanto que no último dia, domingo 05 de junho, realizou-se a Procissão de Pentecostes ao entardecer e com isso encerrou-se a programação religiosa da festa. Durante todos os dez dias de festa foram realizadas: missas, a novena do Divino Espírito Santo e quermesse com bingo. A banda da cidade acompanha todas as procissões.

Já no quesito da cultura popular, a programação ocorreu apenas durante os finais de semana da festa. Principalmente composta de apresentações artísticas de grupos folclóricos da região do Vale do Paraíba e de Mogi das Cruzes de congada, moçambique, maracatu, jongo e capoeira. Neste eixo da programação encontrava-se também a distribuição do Afogado, o Pau de Sebo e danças típicas da cidade, como a Dança de Fitas do grupo folclórico Didi Andrade, a Dança de São Gonçalo, a catira e as danças do caranguejo e do sabão. Este último é na realidade um canto de trabalho outrora encontrado nas roças luizenses durante o mutirão anual para produção do sabão. Por fim, resta-nos mencionar duas das principais atrações desta programação: a Cavallhada de São Pedro de Catuçaba e o Rei do Congo.

Referente a programação de shows musicais: Todos os dias, com exceção da segunda-feira 30 de maio, foram realizadas apresentações musicais no coreto da praça Oswaldo Cruz em frente à Igreja Matriz. A grande maioria dos shows eram de duplas sertanejas ou grupos de música caipira de São Luiz do Paraitinga e região. Somaram-se a estes shows a apresentação da Fanfarra da cidade, a FAMIG na noite de sábado 04 de junho. Em média, eram realizados dois shows por noite, com início às 21h30 e término às 01h da madrugada. Ao todo foram realizados 15 shows musicais no coreto.

Já em relação a Festa de São Pedro de Catuçaba, ela aconteceu em dois finais de semana, entre a sexta-feira 24 de junho e o domingo 03 de julho. Referente a programação, a Festa também contou com os mesmos três eixos que sua festa-irmã, sendo eles: religioso, cultura popular e shows musicais. Algumas atrações estiveram presentes em ambas as festas, como a Fanfarra FAMIG, o grupo Orgulho Caipira, os cantores Kaio Lennon e Cristiano Barreto, e os grupos folclóricos: a Congada do Alto do Cruzeiro, O Moçambique de Catuçaba e a Cava-

lhada de São Pedro de Catuçaba. Evidentemente existem diferenças entre as festividades. A começar pela programação, a Festa do Divino contou 15 shows enquanto a Festa de São Pedro com 7, que além de menor também contou com atrações que não foram contempladas na Festa do Divino, como por exemplo: O Encontro de Viola Caipira, a cavalgada e o Desfile de Motos. Outra diferença é que ao invés do afogado, na Festa de São Pedro, serve-se o feijão gordo.

Por fim, vale exemplificar a presença de outras características marcantes de ambas as festas, como por exemplo: a devoção popular; a presença de festeiros; a transformação de um cômodo das casas centrais para guardar o santo, o divino e seus adornos; as vias urbanas decoradas com símbolos da festa; e a prática de pendurar bandeiras, de São Pedro ou do Divino nas portas e janelas das casas e dos estabelecimentos comerciais.

Atravessamentos discretos, conflituosos e fetichizados

Nessa parte do texto, apresento algumas situações que encontrei durante as festividades e que evidenciam a relação entre as mídias digitais e as festas. Justifico porque compreendo estas festas como manifestações do “mundo ritual” (DAMATTA, 1978) e apresento ao leitor o que entendo por “mídias digitais” e “atravessamentos”.

Entende-se por mídias digitais: ferramentas, tecnologias, objetos, dispositivos e canais de informação que tem como alicerce a tecnologia digital. São “suportes” no qual diversos processos comunicacionais ocorrem. Neste trabalho, as principais mídias digitais abordadas são: celulares, smartphones, câmeras digitais e a conexão destas mídias com a internet. Nesta pesquisa, considere os termos “mídias

digitais”, “mídia digital”, “meios digitais” e “o digital” como sinônimos.

Para apresentar a ideia de “atravessamentos”, primeiramente é preciso apresentar o porquê compreendo as festas do Divino e de São Pedro como manifestações do “mundo ritual”. Para isso, é preciso recorrer a DaMatta que nos fala sobre os mundos cotidiano e rituais. A relação entre o “mundo ritual” e o “mundo cotidiano” está presente em “Carnavais, malandros e heróis”, de 1978. Na obra, o autor ressalta que essa relação é ambígua e complementar. Abaixo, algumas características de cada um dos “mundos” propostos por DaMatta:

Tabela 1: Mundo Ritual VS Mundo Cotidiano

O mundo ritual	O mundo cotidiano
Extraordinário	Banal / Trivial
Tempo cósmico	Tempo Histórico
O mundo dos “sonhos”	O mundo concreto
Personagens paradigmáticos	Personagens Reais
Deslocar e dramatizar para significar	“É onde os ritos acabam”

Fonte: Elaboração própria.

Durante o período em que as festas são realizadas em São Luiz do Paraitinga a dinâmica da cidade altera-se profundamente em comparação a seu dia-dia. O que pode ser facilmente comprovado, por exemplo, ao observar-se o aumento do fluxo de pessoas nas ruas do centro da cidade durante as festas. Há usos extraordinários dos espaços públicos, as ruas tornam-se palcos para apresentações de grupos folclóricos e as práticas religiosas deslocam-se de dentro da igreja

para as praças e para as calçadas. Personagens paradigmáticos como o Rei do Congo; o Rei Cristão e o Rei Mouro dramatizados durante as apresentações da cavalcada; e uma série de outras figuras míticas, como por exemplo, São Pedro e o Divino ganham protagonismo durante as celebrações. Estes são alguns dos motivos que justificam a compreensão de que as Festas do Divino e a Festa de São Pedro de Catuçaba podem ser compreendidas como manifestações do “mundo ritual”.

Entretanto, uma questão permanece em aberto: as mídias digitais encontram-se em quais destes mundos? Inicialmente, meu ímpeto foi o de classificá-los como parte do mundo cotidiano devido aos usos que o luizense faz dos dispositivos digitais. Não notei nenhum tipo de uso extraordinário daqueles encontrados em outros grupos da sociedade. Notebooks, celulares e smartphones são conectados à internet para atender necessidades de trabalho, entretenimento, relacionamento e tantas outras que permeiam o cotidiano contemporâneo. Entretanto, quanto mais observava as festas, mais identificava a presença destes dispositivos, que mesmo não estando necessariamente a serviço do mundo ritual, é seguro afirmar que se encontram plenamente inseridos durante as ritualidades. Sendo assim, a resposta mais tenaz para o questionamento acerca do mundo a qual o digital pertence seria: nem um nem outro.

As mídias digitais correspondem a uma ordem distinta, afinal manifestam-se em espaços e temporalidades diferentes do que as manifestações do “mundo cotidiano” e do “mundo ritual”. O tempo de circulação de uma mensagem em uma rede social, por exemplo, é difícil de ser determinado. Os conteúdos em um *feed* podem ser acessados no instante que são postados, como também anos depois. Os efêmeros *stories* do Instagram aparentemente duram apenas 24 horas, mas

em realidade podem ser republicados e ficam disponíveis a qualquer minuto para o usuário que os criou. Sem falar nos conteúdos disponíveis nos servidores das *Big Techs* (MOROZOV, 2018), que armazenam dados de anos atrás e que não se encontram mais disponibilizados na web comercial. Também há dificuldade em se determinar o espaço: um vídeo de uma coreografia de dança que viraliza no TikTok é um fenômeno *offline* ou *online*? Cotidiano, ritual ou virtual? A ubiquidade, por exemplo, pode ser vislumbrada como uma das marcas da espacialidade e da temporalidade deste “mundo digital”. Delimitar as fronteiras, os elementos que constituem, as ordens regentes e os limites de um mundo possivelmente complementar aos mundos ritual e cotidiano, dentro da perspectiva proposta por DaMatta, surge como uma questão de horizonte desta pesquisa. Por hora, não opto por firmar a constituição de um “mundo digital”, mas sim, por localizar as mídias digitais como essencialmente não pertencentes nem ao mundo ritual e nem ao mundo cotidiano. Ao localizá-los em tempos e espaços distintos, quero justificar a capacidade atravessadora destes meios.

Percebi que o atravessamento das mídias digitais sobre as festas de São Luiz do Paraitinga pode ocorrer de diversas formas. Identifiquei algumas delas, as quais classifiquei como sendo atravessamentos do tipo: discreto, conflituoso e fetichizado.

Os atravessamentos do tipo discreto referem-se a casos em que as mídias digitais surgem em meio as festas de maneira aparentemente natural. Não causam alarde ou estranheza. São hábitos e práticas que já são, de alguma maneira, comuns ao luizense também em seu cotidiano. Podem ser percebidos, por exemplo: na troca da decoração das ruas de São Luiz do Paraitinga, tradicionalmente feitas com fitas de papel por fitas de LED; nos muitos momentos em que os smar-

tphones transformam instantes das festas em registros audiovisuais e principalmente durante os shows musicais.

Durante os doze shows musicais em que estive presente ao longo de toda a Festa do Divino e a Festa de São Pedro, em todos eles, sem exceção, esse mesmo comportamento se repetiu: Em algum momento do show o vocalista, entre uma música e outra, solicitava ao público que seguisse o perfil do grupo musical nas redes sociais. Comumente o pedido referia-se apenas ao Instagram, mas em outros casos dava-se de forma mais abrangente. Em alguns casos esta solicitação apresentava-se em tom de pedido enquanto em outros em tom de lembrete, como por exemplo nas vezes em que o vocalista “lembrava” o público de que se fossem postar alguma foto ou vídeo do show nas redes sociais, marcassem o perfil da banda ou dupla. Provavelmente as palavras “segue a gente lá” foi uma das únicas ditas diariamente pelos artistas que ocuparam os coretos das praças ao longo dos dias das festas, ao lado, é claro, dos agradecimentos e pedidos de benções para o Divino e para São Pedro.

Nos shows também notei o virtual materializando-se em gestos. Ao final de algumas apresentações o vocalista pedia para o público se aglutinar, se aproximar do palco e levantar as duas mãos para o alto enquanto ele e os músicos viravam-se de costas para o público e de frente para uma câmera fotográfica que registrava o grupo musical em primeiro plano e ao fundo o público extasiado. Esta foto é comumente chamada pelos vocalistas de “foto oficial” e posteriormente são publicadas nos perfis dos grupos nas redes sociais.

Já nos atravessamentos conflituosos nota-se uma certa incompatibilidade das práticas rituais com práticas relacionadas às mídias digitais. Como efeito, geram algum tipo de desconforto. Podem ser exemplificados pelo celular que toca durante a procissão, pelas poses

para fotos que os porta-estandartes dos grupos folclóricos frequentemente são convidados a fazer durante suas apresentações ou pela presença abrupta de equipes de filmagens. Foi o que observei durante a Festa de São Pedro de Catuçaba.

Durante a performance do grupo de Moçambique de Catuçaba, uma equipe de filmagem, a serviço da plataforma de streaming HBO Max invadiu o espaço da apresentação para gravar suas imagens. A apresentação do Moçambique funciona da seguinte maneira: Na maior parte do tempo formam-se duas linhas de pessoas, nas quais ficam umas de frente para as outras batendo seus bastões e os pés. Na frente das linhas, encontram-se o mestre, que puxa a cantoria, e o porta-estandarte do grupo. Tudo é feito de forma ritmada. Os participantes dançam enquanto movem-se por entre as linhas. Nesta apresentação em questão, o cinegrafista se posicionou ao fim da linha, porém de forma muito próxima aos integrantes do grupo. Por vezes os brincantes eram forçados a desviar da câmera, alterar os passos da dança e a rota programada. Inclusive, em alguns momentos os bastões, principalmente das crianças, atingiram as câmeras e o cinegrafista. Se isto foi feito de forma proposital, é difícil afirmar. A mesma dinâmica foi imposta também pelos operadores de áudio que seguravam os microfones sobre o grupo. Em alguns momentos os microfones batiam na cabeça dos membros do grupo. Fato semelhante também ocorreu durante uma reza. Antes de se apresentarem na Cavalhada, os cavaleiros se reuniram para rezar a oração do Pai Nosso e o cinegrafista inseriu-se no meio da roda e iniciou sua gravação.

O desconforto com estas situações ficou evidente. Tanto os membros do Moçambique quanto os cavaleiros, assim como seus amigos e familiares que acompanhavam a performance comentaram posteriormente que o trabalho da produtora atrapalhou a performance

dos grupos. Apesar disso, as apresentações não pararam e em linhas gerais não houve grandes distorções por conta da presença da equipe da produtora. Pelo contrário, ao término do Moçambique e da reza, o clima era de alegria e comunhão.

Por fim, destaco os atravessamentos do tipo fetichizado. São aqueles em que os dispositivos digitais ao perfurarem o tempo e o espaço da festa geram fascínio. Um exemplo comum é o momento em que um Drone alça voo. Ele atrai a atenção dos participantes das festas para si e desloca o foco da ritualidade. Gera barulho, vozes, exclamações de surpresa, dedos e câmeras são apontados para eles. O atravessamento fetichizado também pode ocorrer, por exemplo, com a chegada de um influenciador digital à festa ou com a reprodução de uma performance popularmente difundida nas mídias digitais. Detectei este tipo de atravessamento no seguinte caso: haviam três rapazes “traíados”, ou seja, vestidos dos pés à cabeça com indumentárias típicas do peão de boiadeiro. Os rapazes estavam de bota de couro no pé, chapéu Gambler, camisa xadrez por dentro da calça jeans evidenciando a brilhante fivela do cinto e fazendo “dancinhas do TikTok”.

As “dancinhas do TikTok” se difundiram nos últimos anos pelo Brasil. Este fenômeno acontece da seguinte forma: Cria-se uma coreografia para uma determinada música, filma-se uma pessoa ou um grupo dançando-a e posta-se este vídeo no TikTok. Alguns destes vídeos viraliza, ou seja, são visualizados por muitas pessoas em pouco tempo. A coreografia executada de forma perfeita apresenta-se como um desafio, devido a seu grau de dificuldade. Isto incita outras pessoas a gravarem e postarem vídeos reproduzindo essa coreografia. Dessa forma, a coreografia populariza-se e comumente é reproduzida no ambiente não-virtual quando se ouve a música que a acompanha.

Os três “peões” apresentavam coreografias perfeitamente sincronizadas, independente das músicas que tocavam, demonstrando um grande repertório coreográfico de “dancinhas do TikTok”. As crianças dos arredores tentavam reproduzir os seus passos. Os “peões dançarinos do TikTok” dividiram a atenção do olhar com os grupos musicais que se apresentavam no alto do coreto e rapidamente tornaram-se também alvo das câmeras dos smartphones do público que estava próximo.

O que é relevante nessas operações é notar o atravessamento de comportamentos oriundos do “mundo virtual” no “mundo ritual” de festas populares. Em suma, práticas conhecidas pelos usuários das mídias digitais são reproduzidas, ampliadas e ressignificadas também em rituais caipiras.

Conexões com a Folkcomunicação midiática

Uma vez que a teoria da Folkcomunicação abarca estudos comunicacionais que se manifestam nos usos de mitos e lendas; costumes, ritos, devoções, folguedos, hábitos alimentares, ditos populares e tantos outros elementos característicos das culturas populares, é aí que se encontra a primeira conexão entre este artigo e o pensamento formulado por Luiz Beltrão. Ambos enfocam, dentre outras coisas, as festas populares. Outra conexão é o fato de que foi detectado via participação nas festas do Divino e de São Pedro de Catuçaba uma das características fundamentais da teoria da Folkcomunicação: a dinamicidade do folclore. Em outras palavras, este presente estudo de certa forma também comprova que “Folclore é história, tradição, mas também criação” (MENESES *apud* MARQUES; FERNANDES, 2013, p. 325). Pois, compreende-se que os atravessamentos realizados pelas

mídias digitais durante as festividades analisadas são símbolos de mudanças nas formas como se experienciam estas festas.

Se por um lado, criam-se “outras formas de fazer o mesmo” (MENESES *apud* MARQUES; FERNANDES, 2013, p. 325), como por exemplo: decorar as ruas com LED ao invés de decorá-las com fitas. Por outro lado, também se detecta “o presente da antiguidade” (VICENTE *apud* MARQUES; FERNANDES, 2013, p. 248). Afinal, a prática de decorar as ruas permanece. Sendo assim, os atravessamentos exemplificados neste texto também podem ser interpretados como expressões do constante reajustamento das festas populares à novas demandas e realidades da sociedade.

Entretanto, o ponto mais forte de conexão entre esta pesquisa e a Folkcomunicação talvez seja a constatação da proximidade entre manifestações de cunho popular e os meios de comunicação. Ou seja, estas festas luizenses encontram-se amplamente inseridas em uma sociedade midiaticizada. Daí, a inserção deste estudo dentro da área da Folkcomunicação midiática.

Busco a aproximação da ideia de que as mídias digitais atravessam as festas populares com a teoria da Folkcomunicação. Evidentemente, é preciso a ampliação dos estudos e das reflexões em torno deste tema. Mas, inicialmente o cenário mostra-se profícuo para que o fenômeno dos atravessamentos seja interpretado como um fenômeno Folkcomunicacional.

Conclusão

Conclui-se que São Luiz do Paraitinga é uma cidade em que as manifestações populares ocorrem em ampla escala, tornando-a propícia para a realização de pesquisas nas áreas da cultura popular e

da Folkcomunicação. A Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga e a Festa de São Pedro de Catuçaba são momentos importantes da sociabilidade do município e que apesar de serem expoentes de práticas tradicionais, também expõem novas práticas, como por exemplo: os usos das mídias digitais durante a experiência das festas. As mídias digitais atravessam o “mundo ritual” conceitualizado por DaMatta, e o fazem de três formas: discreta, conflituosa e fetichizada. Pelo fato de abordar festas populares, evidenciar a dinamicidade do folclore se integrarem em um contexto de midiatização, este trabalho dialoga com a teoria da Folkcomunicação midiática e busca a inserção de os atravessamentos serem interpretados como um fenômeno Folkcomunicacional.

Referências

CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira. **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

SANTOS, J. R. C. C. D. **A Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga**: o desafio da cultura popular na contemporaneidade. 2008. Dissertação

(Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SÃO LUIZ DO PARAITINGA. **Portal do IBGE**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-luiz-do-paraitinga/panorama>. Acesso em:

SECRETARIA de Turismo e Cultura de São Luiz do Paraitinga. São Luiz do Paraitinga, [2023]. Instagram: @turismo.cultura.slp. Disponível em: <https://www.instagram.com/turismo.cultura.slp/>. Acesso em: 11 jan. 2023.